



CARTA DO MÊS

Estigmatinidade

DEZEMBRO 2008 - N° 220

A CONFORMAÇÃO COM CRISTO CRUCIFICADO

Pe. Nello Dalle Vedove

4 – O crucifixo, pensamento constante.

Pe. Gaspar não deixava escapar ocasião de relembrar o supremo ato com que Deus manifestou o seu amor pelos homens. Na pregação sobre a Santa Casa de Loreto, aos 13 de dezembro de 1801, quando tratou admiravelmente sobre a habitação de Deus na alma do justo, diz: “Não satisfeito de haver feito falar do seu amor pelos seus servos e Profetas, Ele mesmo desceu do céu, vestido de homem, para vir a nosso encontro pessoalmente, como um rei enamorado de simples pastorinha, Resolveu, portanto, levá-la da cabana para o palácio, a fim de torná-la sua esposa. Por isso, disfarça-se de pastor, a procura pelos bosques e, usando maneiras simples e campestres, fala-lhe de seu amor. Ó Deus! Maravilhamo-nos do arrebatamento dos enamorados? Nosso Rei superou-os, dando a vida por nós.”

Na segunda pregação sobre o Nome de Jesus, de 17 de janeiro de 1802, Pe. Bertoni levou ao vértice o tema do amor. “E o que quer dizer “Jesus” senão Salvador, verdadeiro Deus? Ele manifestou ao homem superabundante amor com o qual “ab eterno” Ele lhe devotou. Desceu do céu para que o homem lá possa subir. Revestiu-se de nossa carne para nos fazer consortes da sua própria natureza. Morreu para nos dar a vida, e vida eterna.”

Na estupenda pregação sobre o “amor para com Deus”, de 17 de junho de 1802, Pe. Gaspar afirmou que o Senhor nos amou e nos enriqueceu de bens ainda antes que O tivéssemos conhecido. “Chegamos a conhecê-Lo. Pagamos com ingratidão sua eterna bondade. Mesmo que tenhamos sido ingratos e inimigos não nos deixou de amar. Pelo contrário, parece que seu amor se reforçou. Ah, ouvintes! Somente um olhar para a Cruz, e ela vos dirá que o Homem-Deus resgatou vosso coração com o alto preço de todo o seu sangue.”

5 – O crucifixo: perspectiva escatológica.

Também na perspectiva escatológica Pe. Bertoni buscou inspiração na Cruz. Aos 28 de novembro de 1802, pregou sobre o juízo universal. “Em vão os pecadores gritam aos montes: caí sobre nós! Em vão às colinas: cobri-nos (Ap 6,16). Do oriente ao ocaso acende-se uma luz fulgurante e se descobre no alto do céu a Cruz (Cf. Mt 24,30). Pecadores, eis o Legislador, eis o Juiz que só quer perdoar e salvar (Cf. Tg 4,12). Eis que vem sobre as nuvens e os vossos olhos verão Aquele que havíeis crucificado tantas vezes com os vossos pecados. E chorarão sobre Ele todas as tribos da terra (Cf. Ap 1,7).”

“Este Homem-Deus, nosso Juiz, que embora nos ame qual Pai amoroso, para não ver seus filhos perecerem eternamente sob o flagelo da sua justa vingança, derrama todo seu sangue para lavar os nossos pecados. Mostra-nos seus merecimentos para que sejamos revestidos do justo direito ao seu Reino. Faz-nos participantes das suas satisfações para diminuir o peso da nossa penitência. Vinde, - grita - , vinde a Mim vós todos que estais cansados, aflitos e sobrecarregados pelo fardo dos vossos pecados e eu vos aliviarei (Mt 11, 28).”

6 – O crucifixo e a Eucaristia.

No Sacramento do Amor, aos 20 de março de 1803, Pe. Gaspar acolheu o convite de Jesus à comunhão freqüente com as seguintes palavras: “Tomai e comei: este é o meu Corpo, este é o meu Sangue com os quais vos redimi dos pecados (Cf Mt 26, 26ss) e da escravidão dos vossos inimigos. Vede quanto sofrimento, quanta agonia, que morte me custou a preparação desta mesa. Podereis mostrar-me maior gratidão que satisfazer o meu desejo, celebrando-a freqüentemente?”

Quando tratou sobre a Lei Evangélica, aos 21 de agosto de 1803, fala do “estado feliz de quem habita no monte do Senhor (Cf. Sl 14,1), isto é na sua Igreja, plantada com o Sangue do seu Filho (Cf. At 20, 28).”

Durante o Te Deum cantado no final de 1803, Pe. Gaspar comentou o versículo “Salva o teu povo”: “Este povo já não é mais estranho ou estrangeiro, mas vosso, é teu povo. Ele foi de fato resgatado pelo alto preço do seu Sangue (Cf. 1Pd 1,19).”

7 – O crucifixo, centro do oratório.

Pe. Bertoni fez do Crucifixo o centro do Oratório Mariano, o elemento essencial para a formação dos seus jovens. Pe. César Benaglia lembrava como, no seu tempo, entre as várias coisas que o sacristão preparava sobressaía-se “o Crucifixo que era colocado sobre o degrau da balaustra perto da portinha do lado da Epístola.”

“Os congregados tinham seu lugar marcado nos bancos, mas antes de chegar a este deviam ajoelhar-se ao lado do Crucifixo e beijá-lo depois da oração”. No final da função, o Diretor dava “a bênção com o Crucifixo, que depois entregava ao cruciferário para dirigir o cortejo até a saída da Igreja”, enquanto “os cantores entoavam melodias. Os congregados seguiam atrás do cruciferário, em ordem, até a porta, onde beijavam o Crucifixo e se benziam com a água benta que recebiam de um encarregado.”

Sabe-se que Pe. Gaspar em São Paulo “in Campo Marzo” reunia-se com os jovens durante toda a manhã de domingo e festas para, continuando o atendimento também depois do almoço.

Pe. Giacobbe escreveu: “Terminada a refeição, ao primeiro toque do sino, sinal para o ensino da Doutrina Cristã, entrava-se na igreja de São Paulo. Entre o primeiro sinal, e o início da aula, com alguns de seus fiéis oratorianos, e com quem gostava de unir-se a eles, Pe. Gaspar fazia o Exercício da Via Sacra, com tanta piedade e devoção, que, às vezes, derramava lágrimas de compaixão para com seu paciente Redentor.”

Terminada a meditação, com grande amor que havia, também, incutido em seus queridos oratorianos, iniciava-se a aula de Doutrina, para a qual não havia necessidade nem de mestre, nem de disciplinadores, pois os que haviam feito o Exercício da Via Sacra estavam prontos e dispostos para esta responsabilidade com paciência e caridade.”

Enquanto foi permitido pela autoridade civil (até o domingo 10 de julho de 1808), fazia-se uma procissão com o Crucifixo pelas ruas da paróquia a fim de reunir os meninos que deviam participar da catequese.

Temos algumas anotações de Pe. Gaspar para os Exercícios do Oratório (carnaval de 1806), no qual fala a respeito do “castigo que os pecados provocaram em Cristo.” “Ele sofre não por sua culpa. Como fiador, padece em um mar de dores interiores e exteriores. A pessoa que padece é divina, de infinita dignidade. Um só ferimento é maior mal que todas as penas dos culpados. Ele roga que passe o seu cálice, mas aceita morrer. Uma só gota de sangue bastaria.”

(continua)